

rimbaud

a vida dupla de um rebelde

por edmund white

Tradução
Marcos Bagno



Copyright © 2008 by Edmund White
Publicado originalmente nos Estados Unidos por Atlas & Co., 2008

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Rimbaud — The double life of a rebel

Capa

Kiko Farkas/ Máquina Estúdio
Thiago Lacaz/ Máquina Estúdio

Imagem de capa

© Bettmann/ Corbis/ LatinStock

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Valquíria Della Pozza
Veridiana Maenaka

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

White, Edmund

Rimbaud: a vida dupla de um rebelde / Edmund White ; tradução Marcos Bagno. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: the double life of a rebel.

ISBN 978-85-359-1620-1

1. Poetas franceses - Século 19 - Biografia 2. Rimbaud, Arthur, 1854-1891. Título.

10-01002

CDD-841.8092

Índice para catálogo sistemático:

1. Poetas franceses - Século 19 - Biografia 841.8092

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

Eu tinha dezesseis anos, em 1956, quando descobri Rimbaud. Era aluno interno de Cranbrook, um colégio para meninos nos arredores de Detroit, e as luzes se apagavam às dez horas. Mas eu me esgueirava para fora do quarto e ia até o banheiro, onde havia uma pálida lâmpada no teto, e permanecia sentado por tanto tempo que minhas pernas ficavam dormentes. Do lado de fora, o vento arremessava a neve, formando montes brancos, altos e silenciosos; dentro, o dormitório era sinistramente silencioso. Eu lia e relia os poemas de Rimbaud. Embora tivesse conquistado um prêmio local de francês, o vocabulário e a gramática de Rimbaud eram difíceis demais para mim, e eu ficava o tempo todo espiando da página esquerda do original francês para a página direita da tradução inglesa de Louise Varèse, de 1952. Transportado pelo delírio sensual do longo poema “O barco ébrio”, eu flutuava para longe, em devaneios de climas exóticos.

Sendo um adolescente gay infeliz, sufocado pelo tédio e pela frustração sexual, e paralisado pela autorrejeição, eu

ansiava por fugir para Nova York e me fazer notar como escritor; me identificava completamente com os desejos de Rimbaud de ser livre, de ser publicado, de fazer sexo, de ir para Paris. Só me faltava a coragem dele. E o gênio. Eu me livrava de todos os deveres de casa durante a tarde, quando a maioria dos outros garotos estava praticando esportes. Desse jeito, ficava livre durante as duas horas de estudo compulsório à noite para trabalhar no meu romance. Escrevi um romance, e logo um segundo. Minha mãe, sempre indulgente, pedia à sua secretária que datilografasse o que eu tinha escrito à mão em páginas caprichadas. Minha ideia era enviá-los a um editor de Nova York, conseguir que fossem entendidos, ganhar uma fortuna — e sumir. Eu abandonaria as duas casas dos meus pais (eles eram divorciados), ficaria livre do dinheiro deles, largaria a escola — e me mudaria para Nova York! Imaginava que um homem mais velho se apaixonaria por mim e faria tudo por mim.

Por alguma razão, nunca enviei meus originais. Talvez não soubesse para onde remetê-los; afinal, nunca tinha conhecido um autor publicado, e que tal criatura fabulosa pudesse habitar nosso mundo do Meio-Oeste era tão improvável quanto um unicórnio de repente passar galopando pelas janelas do meu dormitório. Ou talvez eu temesse que meu livro fosse aprovado, que fosse publicado, que eu tivesse de realizar todas as minhas fantasias — e achava a ideia de preces atendidas ainda mais alarmante do que o prosseguimento de minha dependência e frustração. Afinal, na aldeia católica de Rimbaud no século XIX, um homossexual podia ser ou um pecador ou um criminoso, mas, na freudiana década de 1950 nos Estados Unidos, ele seria um doente com necessidade de tratamento urgente. Um pecador poderia alegar que desejava ser um Filho Pródigo, um criminoso poderia querer se tornar irredimível, mas ninguém poderia lutar pelo direito de ser doente.

Achava o mito de Rimbaud ao mesmo tempo enigmático e excitante. Num exíguo volume sobre Rimbaud escrito por Wallace Fowlie, publicado por New Directions em 1946, apenas uma década antes, li estas palavras fascinantes:

Um relacionamento entre dois poetas do mesmo sexo, mesmo que tenha uma base física, pode gerar intensa e estimulante camaradagem intelectual. A homossexualidade, em seu sentido mais elevado, se fundamenta no intelectualismo. Representa fundamentalmente uma concepção estética do amor, na qual a beleza de um homem jovem busca a sabedoria de um homem mais velho, e na qual a sabedoria contempla a beleza.

Fowlie então prosseguia, repisando Platão e as ideias do *Banquete*. Só recentemente descobri que Fowlie era tanto um paladino do modernismo quanto um católico que permaneceu solteiro por 44 anos — até escrever um último livro na década de 1990 sobre Rimbaud e Jim Morrison, o vocalista da banda The Doors!

Aquelas ideias sobre a homossexualidade “em seu sentido mais elevado” eram de fato inebriantes, “mesmo que” físicas — e se aplicavam à vida do grande dançarino russo Vaslav Nijínski, e sua trágica relação com seu amante empresário, Serguei Diáguliev, fundador dos Ballets Russes. Minha mãe me dera de presente uma biografia de Nijínski pouco antes da minha descoberta de Rimbaud, e lá, também, eu li:

A ilimitada admiração de Diáguliev por Nijínski, o dançarino, só foi sobrepujada por seu amor apaixonado pelo próprio Vaslav. Eram inseparáveis. Os momentos de insatisfação e de tédio que ocorrem com outras pessoas, num relacionamento semelhante, nunca ocorriam com eles, uma vez que eram tão inten-

samente interessados no mesmo trabalho. Fazer Serguei Pavlovitch feliz não era sacrifício algum para Vaslav. E Diáguliev aniquilava qualquer ideia de resistência que pudesse passar pela mente do rapaz com as costumeiras histórias sobre os gregos, Michelangelo e Leonardo, cuja vida criativa dependia da mesma intimidade que eles tinham.

Ler que os dois homens “eram um só na vida privada” me excitava, a ponto de eu ficar quase convencido pelo argumento de Diáguliev de que a heterossexualidade era uma necessidade animal de reprodução, “mas que o amor entre os do mesmo sexo, ainda que os envolvidos sejam bastante comuns, justamente por causa da semelhança de suas naturezas e da ausência de uma diferença pressuposta, é criativo e artístico”. O mais curioso era que essa estranha e questionável homenagem à homossexualidade tinha sido escrita por Romola, mulher de Nijínski (não tão curioso, talvez, já que Romola, como só recentemente descobri, era lésbica).

O único problema no caso de Rimbaud, porém, era que o rapaz, Rimbaud, dominava o poeta mais velho, Verlaine. Rimbaud era o ativo, o “esposo infernal”, e Verlaine, dez anos mais velho e casado, era a passiva “virgem louca”. Por algum tempo, eu me referi a este livro como “Rimbaud: Adolescente ativo”. Na verdade, Rimbaud adorava chocar seus amigos heterossexuais mais velhos afirmando o contrário. Certa vez, disse acerca de Verlaine na presença de Alphonse Daudet, o macho romancista provençal: “Ele pode se satisfazer em mim tanto quanto quiser. Mas quer que eu pratique nele! Nem morto! Ele é imundo demais. E tem uma pele horrível”.

Rimbaud não só controlava, assediava e aterrorizava Verlaine na cama, mas também procurava superá-lo no trabalho, apesar da reputação firmada por Verlaine e seu histórico de

publicações. Rimbaud era o revolucionário exaltado que considerava que a poesia devia romper com a tradição e anunciar toda uma nova era da história humana. Paul Valéry declarou: “Antes de Rimbaud, toda a literatura foi escrita na linguagem do senso comum”.

Se Rimbaud era o poeta mais experimental de seu tempo, alguém que nos quatro breves anos de sua carreira conseguiu ter três estilos totalmente diferentes, Verlaine, por outro lado, era muito mais uma voz lírica, alguém cujos versos soberbos se aproximavam dos padrões delicados e rítmicos da canção (aliás, Debussy os musicou), um poeta da melancolia e das sombras, de um catolicismo frágil e intensamente pessoal, e das primícias do amor. Em 1890, ao fazer a retrospectiva de toda a sua produção, Verlaine disse que as constantes de seu estilo incluíam “uma forma livre de versificação [...] aliteração frequente, algo como assonânciam no corpo do verso, rimas mais raras do que ricas, a palavra exata às vezes evitada de propósito ou quase. Ao mesmo tempo, o conteúdo triste e com a intenção de ser assim”. Nessa declaração, Verlaine enfatizou com precisão a tristeza e o formalismo estrito de seus versos característicos.

No livrinho de Fowlie, não maior do que este, fiquei sabendo que Rimbaud tinha seduzido Verlaine a abandonar a esposa, que haviam fugido para Londres, que lá quase morreram de fome, que na Inglaterra andavam em companhia de antigos *communards*, anarquistas que tinham tentado sem êxito, em 1871, consolidar Paris como cidade-Estado livre e foram obrigados a fugir para a Inglaterra. Verlaine, temendo ter cometido um erro ao abandonar a mulher e o filho bebê, correu de volta para o continente, onde um atormentado Rimbaud se juntou a ele. Em Bruxelas, tiveram nova briga. Verlaine atirou em Rimbaud, atingindo-lhe o pulso — e o

homem mais velho recebeu uma sentença de dois anos de prisão. No cárcere, Verlaine retomou a fé católica, escreveu poemas devotos — mas quando foi solto correu de volta para Rimbaud, rosário na mão, assim como mais tarde Oscar Wilde seria preso por homossexualidade, se arrependeria, escreveria uma insincera confissão e, após ter cumprido sua sentença de dois anos, procuraria lorde Alfred Douglas, a causa de sua derrocada.

Rimbaud, eu lia, deixou um importante volume de trabalho, mas renunciou à carreira aos dezenove anos, partiu para a África, ganhou dinheiro como traficante de armas, adoeceu e teve uma morte precoce. Verlaine, gênio e beberrão, cambalearia por vários anos ainda; iria escrever um esboço biográfico de Rimbaud, cuidar da impressão de suas obras e fazer tudo o que pudesse para promover a fama do amante perdido. A carreira literária de Rimbaud durou quatro anos, e ele morreu aos 37; Verlaine publicou durante um período de cerca de trinta anos e morreu aos 51. Verlaine foi um sobrevivente, embora também fosse um bufão, oscilando de um lado para o outro, de homens para mulheres, do vinho para o absinto, do hospital para a prisão e para a sarjeta, produzindo enquanto isso poemas de pura música que fizeram dele o líder espiritual dos simbolistas. Ainda no tempo da escola, li um romance do escritor Anatole France, da virada do século, chamado *O lírio vermelho*, em que um personagem, inspirado em Verlaine, escrevia seus melhores poemas em papel de cigarro e os fumava diante de admiradores estupefatos.

O contraste entre Rimbaud, o diabrete irascível, voluntarioso, disposto a desistir de uma carreira após a outra até terminar doente, melancólico e praticamente sem amigos, e Verlaine, o sofismador sutil e autocomiserativo, pronto para se entregar mesmo a seus piores impulsos — esse contraste me

fascinava. Aos vinte e poucos anos escrevi uma peça sobre Rimbaud e Verlaine, que circulou de mão e mão mas nunca foi encenada; como me explicou um produtor: “Ou Rimbaud é um gênio, a quem tudo é permitido, ou é um mimado. O gênio é impossível de ser mostrado no palco, de modo que, por eliminação, ele vai aparecer como um arruaceiro e um ingrato intolerável”.

A reflexão de Wallace Fowlie sobre a vida de Rimbaud e a biografia mais alentada de 1936 escrita por Enid Starkie eram tudo o que eu tinha para me apoiar em meus dias de colegial, mas aqueles vestígios do meteoro Rimbaud foram o bastante para me dar esperança — a mim, um homossexual desesperado, com aversão a mim mesmo, um aspirante a escritor, uma bichinha rebelde. Também queria estender minha mão para escritores mais velhos em Nova York e receber deles uma boa acolhida, como Verlaine tinha acolhido o desconhecido Rimbaud (e enviado a ele o dinheiro de uma passagem de trem até Paris). Também eu queria escapar do tédio do meu mundo pequeno-burguês e abraçar a boemia. E também queria saltar anos de aprendizagem e disparar para o topo da vida artística como um prodígio, não como um servicial. Também eu queria fazer os homens deixar suas esposas e fugir comigo.

A pior coisa que devo ter feito na vida foi denunciar um professor de Cranbrook por fumar maconha. Ele acabou demitido e durante anos ficou sujeito à vigilância do FBI, ao qual as autoridades da escola tinham passado a informação. O que eu nunca mencionei a ninguém foi que eu tinha feito sexo com aquele mesmo professor — e que o denunciara por fumar maconha no mesmo dia. Minha autorrejeição e meu desejo de ter um alçapão ao lado da cama onde pudesse atirar a “prova” da minha doença e do meu pecado certamente contribuíram

para meu comportamento abjeto, como também minha decisão de não me deixar tentar novamente. E talvez eu estivesse magoado e tentando curar minha decepção pelo fato de meu professor querer transar comigo sem me amar (ele era casado). Agora, depois de tantos anos, pergunto a mim mesmo se o exemplo “satânico” de Rimbaud não pode ter sido a influência decisiva em meu comportamento deplorável.